

Povos Indígenas no Brasil

Fonte JORNAL DE BRASÍLIA Class.: PINRØ 745
Data 28/07/84 Pg.: _____

Crise de Bauru marca o fim do caciquismo

José Humberto Fagundes

A crise de Bauru, gerada pela demissão do sertanista Alvaro Villas Boas e a extinção da delegacia da Fundação Nacional do Índio (Funai) naquela cidade, em meados deste mês, marcou sobretudo o princípio do fim do caciquismo no indigenismo brasileiro. Quem pensa assim é nada mais nada menos do que um dos últimos auxiliares diretos do marechal Rondon, o sertanista José Maria da Gama Malcher, hoje com 78 anos e aposentado. Ele manifestou essa posição a um seu amigo íntimo, que mora em Brasília, e foi mais além ao considerar absolutamente "correta" a forma como o presidente da Funai, Jurandy Fonsêca, encerrou a crise.

Com mais de 30 anos de reconhecidos serviços na defesa da causa indígena, Gama Malcher é respeitado, entre outras coisas, pela seriedade característica de suas posições. Esse seu amigo recorda, inclusive, que ele devolveu à Funai a Medalha do Mérito Indigenista, por discordar com sua distribuição indiscriminada a políticos, como o deputado Siqueira Campos e o governador de Rondônia, Jorge Teixeira, na administração do coronel Paulo Leal.

Esse seu amigo lembra também que Malcher "comprou muita briga" com o governo do Estado do Pará, na defesa dos índios Kaiapó, quando era inspetor regional (hoje delegado) do antigo Serviço de Proteção ao Índio (SPI). Ele chegou a "fechar" o rio Tapajós, para impedir a exploração dos índios Mundurucu pelos peões que trabalharam em Fordolândia, num fracassado projeto seringueiro financiado por Henri Ford. Apesar da idade, Gama Malcher continua extremamente lúcido e bem-humorado, como demonstra o comentário que fez sobre a atuação de Jurandy Fonsêca diante da crise de Bauru: "Até parece que ele foi meu aluno".

Indenização francesa